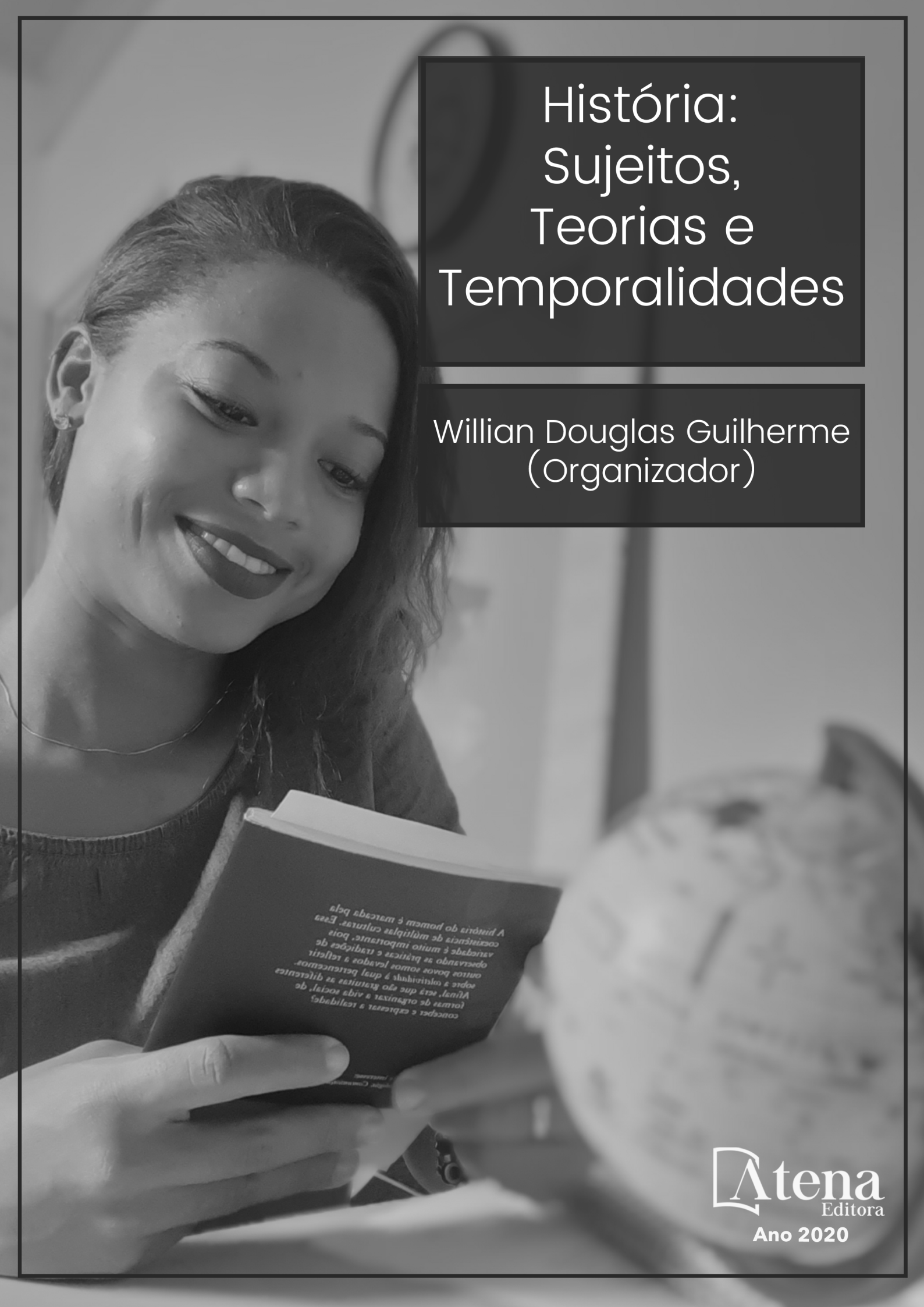


# História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

**Atena**  
Editora  
Ano 2020



# História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande



Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
H673	<p>História [recurso eletrônico] : sujeitos, teorias e temporalidades /            Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR:            Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader            Modo de acesso: World Wide Web            Inclui bibliografia.            ISBN 978-65-5706-154-1            DOI 10.22533/at.ed.541200107</p> <p>1. História – Pesquisa – Brasil. 2. Historiografia. I. Guilherme,            Willian Douglas.</p> <p style="text-align: right;">CDD 907.2</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

No e-book “História Sujeitos, Teorias e Temporalidades”, foram reunidos quinze artigos que fazem um debate historiográfico em torno dos sujeitos, teorias e temporalidades. Os artigos foram dispostos em cinco grupos.

No grupo um, são três artigos. O primeiro, trazendo um novo olhar sobre a colonização da então capitania de Minas Gerais no século XVIII. O segundo, discute a Lei de Terras em 1850, transitando entre as famílias ricas e pobres. O terceiro, fala sobre o movimento integracionista europeu a partir da segunda metade do século XX.

No grupo dois, os artigos discutem o sofrimento em Nietzsche, o sujeito moderno em Voltaire e o papel da memória como fonte para a história.

No terceiro grupo, são quatro artigos. O primeiro apresenta a investigação baseada na obra de Gustavo Barroso e propõe um estudo dos termos patriotismo e nacionalismo. O segundo texto traz uma reflexão sobre educação patrimonial tendo como su eito, inusitadamente, o Exército Brasileiro. O terceiro, ressalta a atuação do ex-Senador Eduardo Suplicy com referência aos temas cidadania e Programa de Garantia de Renda Mínima. Por fim, são trazidas as influências sofridas por Sérgio Buarque de Holanda em parte de suas obras.

Para o quarto grupo iniciamos com um estudo baseado nos diários de campo de Frederick Starr em suas viagens comerciais ao Congo nos anos de 1905 e 1906. Seguimos com um interessante estudo que entrelaça religiosidade e Marco (Colonial) de Touros, de 1501, localizado no Rio Grande do Norte. Fechando este grupo, um estudo de caso realizado entre os anos de 2012 e 2014, na cidade Cachoeira da Serra/PA, demonstrando o avanço da “contra-reforma-agrária” sobre a Amazônia.

O quinto grupo fechamos com dois artigos. Iniciando com um texto provocante sobre os lugares de sociabilidade em Recife na segunda metade do século XIX. E fechando o quinto grupo e a obra, é apresentada a Companhia Têxtil Brasil Industrial, então localizada na cidade de Paracambi/RJ e sua importância para a história da cidade e do Brasil.

Desejo boa leitura a todos!

Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A FACE OCULTA DA COLONIZAÇÃO: MEDIDAS DE CONTENÇÃO À MISCIGENAÇÃO NA CAPITANIA DE MINAS GERAIS (1719-1732)	
<a href="#">Hilton César de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
A LEI DE TERRAS DE 1850 NO CENTRO DA DISCUSSÃO: UM ELO COERCITIVO SOBRE AS FAMÍLIAS LIVRES E POBRES	
<a href="#">Leandro Neves Diniz</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
A INTEGRAÇÃO EM DISPUTA: MOVIMENTO HISTÓRICO E PERSPECTIVAS SOBRE O PROCESSO INTEGRACIONISTA EUROPEU	
<a href="#">Daniel Wanderley Caliman</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
O PROBLEMA DO SOFRIMENTO EM NIETZSCHE	
<a href="#">Gabriela Ferraz Costa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>49</b>
O SUJEITO MODERNO EM VOLTAIRE	
<a href="#">Dagmar Manieri</a>	
<a href="#">Elias Rocha Rodrigues</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>58</b>
TEMPO, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: REFLEXÕES SOBRE AIMÉ BOMPLAND	
<a href="#">Alessandra da Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>64</b>
PERSONIFICAR A NAÇÃO – NARRATIVA HISTÓRICA E ESCRITA BIOGRÁFICA EM GUSTAVO BARROSO	
<a href="#">Erika Morais Cerqueira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001077</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>74</b>
REFLEXÕES SOBRE OS LUGARES DE MEMÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: AS INICIATIVAS DO EXÉRCITO BRASILEIRO	
<a href="#">Ivan de Freitas Vasconcelos Junior</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001078</b>	



<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>86</b>
A CIDADANIA E O PROGRAMA DE GARANTIA DE RENDA MÍNIMA: AS IDEIAS DO SENADOR INTELECTUAL EDUARDO SUPLICY (1990-2006)	
<a href="#">Glauber Eduardo Ribeiro Cruz</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>96</b>
SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: ENTRE O HISTORICISMO ALEMÃO E OS ANNALES	
<a href="#">André Augusto Abreu Villela</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54120010710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>113</b>
COMÉRCIO, CONHECIMENTO E CULTURA: AS SOCIEDADES CENTRO-AFRICANAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX A PARTIR DOS TESTEMUNHOS DE FREDERICK STARR	
<a href="#">Paulo Roberto Firmino Marques</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54120010711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>126</b>
O MARCO DE TOUROS: UM SÍMBOLO DA RELIGIOSIDADE POPULAR	
<a href="#">José Willians Simplício da Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54120010712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>141</b>
TERRITORIALIDADE, IDENTIDADE E CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS NO SUDOESTE PARAENSE	
<a href="#">Karina Andréa Tarca</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54120010713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>154</b>
RESTAURANTES E CAFÉS: OS LUGARES DE SOCIABILIDADES E GASTRONOMIA NO RECIFE DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX	
<a href="#">Eliza Brito Santos</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54120010714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>167</b>
UMA PROPOSTA PARA A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DA <i>COMPANHIA TÊXTIL BRASIL INDUSTRIAL</i> EM PARACAMBI - RJ	
<a href="#">Angelissa Tatyane de Azevedo Silva</a>	
<a href="#">Davi Pereira Romeiro Neto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54120010715</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>184</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>185</b>

## PERSONIFICAR A NAÇÃO – NARRATIVA HISTÓRICA E ESCRITA BIOGRÁFICA EM GUSTAVO BARROSO

*Data de aceite: 01/06/2020*

*Data de submissão: 03/04/2020*

**Erika Morais Cerqueira**

Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais  
Barbacena – MG  
<http://lattes.cnpq.br/2115009396178787>

**RESUMO:** O presente artigo objetiva analisar, dentre as diferentes culturas políticas que integravam e disputavam o espaço nacional, alguns aspectos de uma cultura política conservadora no Brasil, acentadamente nacionalista, em grande medida próxima ao fascismo, que teria se configurado nas primeiras décadas do século XX. Neste ponto, nos deteremos sobre a história dos termos patriotismo e nacionalismo, na expectativa de compreender o que eles vieram a significar para os intelectuais brasileiros que empreenderam análises históricas decifradoras da identidade nacional. A investigação se concentrará, especificamente, na obra de Gustavo Barroso (1888-1959), historiador brasileiro que difundiu, sobretudo em sua obra biográfica, uma concepção de nação associada à heroificação

de militares, durante os anos 1930.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gustavo Barroso; Nacionalismo; Cultura Política; Biografia; Militares.

### PERSONIFY THE NATION – HISTORICAL NARRATIVE AND BIOGRAPHICAL WRITING IN GUSTAVO BARROSO

**ABSTRACT:** This article aims to analyze, among the different political cultures that integrated and disputed the national space, some aspects of a conservative political culture in Brazil, markedly nationalist, largely close to fascism, which would have been configured in the first decades of the 20th century. At this point, we will dwell on the history of the terms patriotism and nationalism, in the hope of understanding what they came to mean for Brazilian intellectuals who undertook historical analyzes that decipher national identity. The investigation will focus, specifically, on the work of Gustavo Barroso (1888-1959), a Brazilian historian who spread, above all in his biographical work, a concept of nation associated with the heroization of the military, during the 1930s.

**KEYWORDS:** Gustavo Barroso; Nationalism; Political Culture; Biography; Military.

## 1 | INTRODUÇÃO

Encheram a terra de fronteiras,  
carregaram o céu de bandeiras,  
mas só há duas nações  
- a dos vivos e dos mortos.

Mia Couto, 2013

O conceito de cultura política será pensado, ao longo da investigação que se segue, como um conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas, partilhado pela sociedade brasileira, que expressa uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro (MOTTA, 2009). Nessa perspectiva, tomaremos as representações como elementos que configuram um conjunto que inclui ideologia, linguagem, memória, imaginário e iconografia, e mobilizam, assim, mitos, símbolos, discursos, vocabulários e uma cultura visual (DUTRA, 2002). A escolha deste conceito, como chave para a interpretação da obra barroseana, reside em sua capacidade de revelar outras dimensões explicativas para os fenômenos políticos, como a força dos sentimentos (paixões, medo), a fidelidade a tradições (família, religião) e a adesão a valores (moral, honra, patriotismo). Cultura política implicaria, assim, a suposição de que pessoas aprovam determinadas representações por serem capazes de lhes oferecer uma compreensão do mundo, ao mesmo tempo em que fornecem identidades às quais se filiar. Refletindo acerca de o que o patriotismo veio a significar e mobilizar ao longo da história, parece-nos bastante evidente a necessidade de pensá-lo pela chave da cultura política.

## 2 | DESENVOLVIMENTO

Fernando Catroga, ao delinear os contornos do conceito de patriotismo, aponta que, desde os poemas homéricos, o termo *patris* remete para a *terra dos pais*, expressão que denotaria tanto o enraizamento quanto a fidelidade a uma terra e a um grupo, marcado por uma herança comum, quer seja real ou fictícia. Em sua incursão pela “geografia dos afetos pátrios”, sugere que o termo possuiria um aspecto paternal, o que pressuporia uma ancestralidade, sustentada e reproduzida pelo culto aos mortos, ritual que possuiria um caráter cívico, essencial para difundir o sentimento de *pertença* e unificação da comunidade. Ao analisar a experiência grega, notadamente em Atenas, seguiu o percurso traçado por Hannah Arendt, desde a distinção aristotélica entre o nível político e as sociabilidades naturais, ressaltando a compreensão da vida cívica como o degrau superior da humanização, uma vez que a participação nos negócios da *polis* significava a sobreposição das palavras e da persuasão sobre a força e a violência.

Nesse aspecto, a aldeia ou a família seriam incapazes de possibilitar a prossecução dos fins superiores do humano, sujeito dotado de razão e de palavra. Assim “a sociedade

humana só se distanciava do determinismo biológico mediante a participação dos que tinham cidadania nos negócios da *politeia*” (CATROGA, 2013:11), além disso, “a emergência da condição política do homem também significava a vitória, sempre provisória, da *cultura* contra a *natureza*” (CATROGA, 2013:11).

Ao investigar a representação da *polis* como mãe, Catroga destaca que este apelo matricial visava, fundamentalmente, garantir a defesa do território e a propriedade da terra – assegurados pelos afetos íntimos e identitários mobilizados no processo de projeção entre o habitante e a terra uterina. A compreensão da pátria como *terra dos pais* a “metaforiza como um corpo moral, mística e misticamente feminizado” (CATROGA, 2013: 11), conforme a exortação de Cícero à fidelidade à mãe pátria e sua admoestação acerca do não cumprimento do dever patriótico. Neste incursão, a pátria como *mátria* transsubstanciava seus filhos em uma *fátria* de *com-patriotas* que, ao se reconhecerem como filhos, seriam incitados a morrerem juntos pela *mãe de todos* – ideia que se impõe como herança e como dever de transmissão, como um destino ou, mesmo, uma vocação. Ressalta que essa narrativa, ao conferir uma memória à pátria, temporaliza-a, ao mesmo tempo em que a territorializa, no desenho das apropriações afetivas de seu espaço, em que este é transformado em *paisagem* – noção desenvolvida ao longo de sua obra, a partir do romantismo e de pensadores como Ortega y Gasset. Catroga chama a atenção para o fato de que, se o afeiçoamento pátrio exige, por um lado, um tempo e um espaço concretos, por outro, ele sobrevive, mesmo em quadros de desterritorialização, conforme se verifica nas experiências contemporâneas. Afirma, ainda, que Edgar Morin teria captado bem algo que é essencial ao sentimento pátrio, a saber, o fato de possuir uma forte componente psicoafetiva, que poderia ser definida como *matripatriótica* (mãe-pátria feminina, que seus filhos devem amar e proteger) e *paterno-viril* (autoridade justificada, imperativa, que chama às armas e ao dever).

Pontua-se, aqui, a não identificação entre os termos pátria, nação e Estado, sendo o poder deste último algo passível de ser exercido sobre as várias pátrias e, até mesmo, sobre as várias nações – o que denotaria sua capacidade de unificar e consensualizar sentimentos. As análises a respeito das diferenciações entre as acepções de pátria e de nação apontam para o fato de a pátria ser ôntica, lógica e cronologicamente anterior à nação. Entre os afetos pátrios e a racionalidade do Estado, Catroga destaca que coube à nação realizar a ponte entre os dois termos. Em suas palavras, somente o *calor* do patriotismo seria capaz de empreender o enraizamento do Estado-Nação, mais burocrático e homogeneizador, de tal forma que todas as revoluções empreendidas entre os séculos XVIII e XIX que se pretendiam refundadoras da nação agiam em nome do patriotismo. Ao perscrutar os sentidos que a ideia de nação adquiriu ao longo da história, evidenciou-se, especialmente, a identificação desta a grupos étnico-culturais e linguísticos, nomeadamente entre os judeus durante a Idade Média, conhecidos como *povo de nação*. O conceito também teria servido para critérios de distinção interna nas



ordens de cavalaria, mosteiros, concílios e ligas comerciais – sendo associado, desde o início, à delimitação negativa entre o próprio e o estrangeiro, conforme Habermas teria observado.

A partir da modernidade, a nação passaria a exigir um território e uma população, para se afirmar como um *nós*, sendo este o momento em que se verificaria a narrativa desta como um onipresente sujeito coletivo que, “no tempo, realiza um destino sacral ditado pelas origens” (CATROGA, 2013: 17); em que se percebe a *marca* dos mitos estruturantes das identidades nacionais, reivindicando uma memória (como legado) e o cumprimento de um desígnio. Nesta incursão, o ideal de patriotismo seria aquele que alentou, ideologicamente, o movimento que alicerçou a ideia de nação política e de Estado moderno, sendo este último o responsável, não raro, por promover um patriotismo nacional, com vistas a transformar os indivíduos em cidadãos, de forma a demarcar os nacionais e os estrangeiros. Neste aspecto, chama a atenção o fato, bem observado por Anthony Smith, de que os modernos movimentos de independência nacionais tenham evocado, em seus discursos legitimadores, a existência de uma pátria sacralizada, anterior ao Estado. O sacrifício de si, em prol de uma causa, seria mais facilmente mobilizado pelo patriotismo e os sentimentos a que este arrasta, afinal, *difícilmente se encontraria alguém que estivesse disposto a dar a vida pelo Estado*.

Em síntese: ainda que irmanadas com a ideia de nação e, em menor grau, com a de Estado, foram as ideias de pátria e de patriotismo que desempenharam o papel nuclear no que respeita à mobilização de fidelidades grupais e mais coletivas, função bem expressa, desde a Antiguidade, tanto nas ações de resistência aos poderes tirânicos, despóticos ou usurpadores, como nas sublevações antinapoleônicas, nas revoluções de cunho liberal e republicano e nos movimentos anticoloniais nos séculos XVIII e XIX (CATROGA, 2013: 20).

A história dos conceitos destacaria que, durante a Revolução Francesa, o termo patriota teria adquirido o sentido de uma verdadeira obsessão, vinculado à noção de fidelidade, calcado na ordem da natureza, englobando um aspecto regional com dimensão patrimonial; sentimento que alimentaria o desejo por autonomia, estruturante deste acontecimento histórico (HAROCHE, 2002). Quanto ao vocábulo patriotismo, este teria adquirido sentidos distintos e sido apropriado por ideologias igualmente distintas e, não raro, antagônicas. Em sua função de criar identidades, demarcar as diferenças e prometer destinos históricos, o patriotismo possuiria um aspecto mais abrangente e mobilizador, de tal forma que não se poderia pensar a nação sem este aspecto acolhedor que a pátria proporciona (DÉLOYE, 2002). A intensificação das lutas entre os Estados-nação, entretanto, teria ampliado e acelerado a nacionalização das massas, objetivando um consenso interno e, fundamentalmente, a mobilização para a guerra, sendo este “o período em que o nacionalismo absorveu o patriotismo” (CATROGA, 2013: 29). De tal forma que, para muitos, a Primeira Guerra Mundial seria a última *guerra das pátrias*, o que teria impulsionado a grande onda nacionalista da primeira metade do século XX.

Foi, neste íterim, que os movimentos de independência nacionais, ocorridos a partir de 1945, mobilizaram um investimento no sentido de radicar um patriotismo nacional, com vistas a postular uma identidade autônoma (apesar das fronteiras traçadas pelo colonizador), mediante a invenção de uma *religião civil*. Trata-se de um termo caro à esta investigação, especialmente pela capacidade de a *religião civil* conter determinados elementos comuns às demais, notadamente a sacralização dos mitos de origem e seus heróis, disseminando novos símbolos e novos ritos. Catroga assinalaria ainda que os termos nação e Estado, ou melhor, a anterioridade daquela em relação este, teriam se ajustado à legitimação do imperialismo e à fundamentação do direito que o mais forte teria para conquistar o *espaço vital*, como algo necessário ao desenvolvimento de suas autoproclamadas capacidades civilizadoras superiores. Observar-se-ia um privilégio das teses raciais como determinantes para o caráter das nações, cujas consequências seriam, desde 1871, profundamente danosas. Cumpre mencionar que as ideias de patriotismo foram usadas para dar força a projetos autoritários e nacionalistas e, nomeadamente na Alemanha do entreguerras, ou mesmo no Brasil, identificamos um expressivo número de intelectuais comprometidos com a disseminação dessas agendas, mormente alguns historiadores.

Ainda na esteira destas questões, faremos uma digressão sobre a obra de Gustavo Barroso, pensador brasileiro que veiculou, nas diversas atividades que empreendeu, um olhar sobre o nacional, com contornos patrióticos. Durante seu tempo de vida (1888-1959) e, particularmente, na época em que realizou suas produções letradas, Barroso foi o intelectual dedicado ao estudo da história militar brasileira. Esta orientou, inclusive, sua prática museológica, empreendida ao longo do período em que foi diretor do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro. Sob sua orientação, o MHN foi dividido em duas seções: uma dedicada à história do Brasil e outra à numismática. A vintena de salas da primeira seção, a mais visitada, levava o nome das grandes personagens da história nacional, segundo Barroso: dom João VI, dom Pedro I, dom Pedro II, Deodoro da Fonseca (a República), os militares Tamandaré (Marinha) e Caxias (Guerra do Paraguai). Inaugurado no Arsenal da Marinha, o MHN devia ser o relicário dos conflitos em que os soldados brasileiros haviam alcançado distinção: nos pátios, escadarias e vitrinas do museu viam-se canhões holandeses, troféus diversos da Guerra do Paraguai, retratos e objetos pessoais do duque de Caxias ou do General Osório (MAGALHÃES, 2010).

A consagração da história militar do Brasil ocorreu, especialmente, por intermédio da escrita de biografias de alguns de seus protagonistas: Osório, Caxias, Tamandaré – elaboradas entre 1920 e 1940. Além dessa marca autoral, cumpre mencionar, a que mais foi sublinhada pela memória dos pósteros diz respeito à sua trajetória política, demarcada por uma admiração pelo Nazismo alemão. A difusão de um caráter bélico da história nacional ocorreu de forma concomitante à produção integralista, além dessas, identificamos também obras voltadas para a investigação do Folclore Nacional. As teorias

antisemitas, divulgadas em seus escritos, são consideradas as principais razões para um lento, mas decisivo ostracismo vivenciado pelo autor ainda em vida, e que se mantém, de certa forma, até os dias atuais. Ao longo de sua trajetória, Barroso participou ativamente dos círculos de sociabilidade intelectual que marcaram os ritmos da missão de redescobrir o Brasil, decantada por homens de letras e de ciências, a partir, notoriamente, de 1930.

Embora nossa análise se concentre nas obras elaboradas por Barroso ao final dos anos vinte e na década seguinte, consideramos que as questões que orientaram sua “operação historiográfica” estão, em grande medida, relacionadas às ideias que mobilizaram a intelectualidade brasileira no imediato pós-Segunda guerra. No período anterior ao conflito havia um forte sentimento de otimismo em relação ao futuro, o que foi colocado em xeque pela experiência da guerra, que assinalou os limites dessas promessas de progresso infinito. A crítica à modernidade foi acompanhada por uma sensação de desencanto frente, em muitos casos, a um mundo em ruínas, promovendo questionamentos acerca dos limites e das possibilidades do moderno. A experiência do conflito, assim como as reconfigurações oriundas de seu término, evidenciou a distância que separava o Brasil das nações industrializadas e incutiu o temor a respeito de nossa capacidade para manter a unidade e independência nacionais. Mais do que exaltar a beleza natural e as potencialidades da terra, passou-se a “advogar a necessidade urgente de conhecer, explorar, administrar e defender o território” (DE LUCA, 2003:40). Por um viés ufanista, insuflava-se o orgulho nacional pela imensidão do território, cujas proporções fomentavam a imaginação, todavia, assegurar a sua posse constituía uma dificuldade.

O Exército, instituição capaz de garantir a manutenção das fronteiras, foi revestido por um novo simbolismo que visava, fundamentalmente, promover o reconhecimento de suas atividades (CASTRO, 2012). Empreendeu-se uma campanha em prol do Serviço Militar obrigatório, percebido não apenas pelo ângulo defensivo, mas antes como uma escola de civismo que objetivava resolver os problemas de uma nacionalidade inconclusa. Tornava-se premente que os brasileiros se assenhorassem efetivamente de seu país, o que incluía, sobretudo, o conhecimento acerca de seu passado. Afinal, se o futuro poderia ser contemplado como um horizonte aberto, faltava ao Brasil, na visão de muitos intelectuais, o passado glorioso, raiz desse tempo vindouro. Tornava-se necessário, pois, criar esse passado. Barroso intentou, por meio de sua obra historiográfica, narrar a epopeia de construção da nação, privilegiando certos indivíduos e eventos em um trabalho de consagração. Identifica-se em sua obra a ideia de que a terra, mais que uma dádiva, deve ser concebida como o resultado de um esforço coletivo, conscientemente realizado pelos antepassados, de forma a garantir a posse do território. O trabalho de reordenação do tempo envolveu a exaltação dos protagonistas da história, personalidades capazes de promover a confiança nos destinos da nação, assim como afirmar a excelência de um povo aguerrido, que soube defender o seu patrimônio.

A nação, em uma concepção orgânica, teria sido gestada em um longo processo que

envolvia o alargamento de suas fronteiras, fruto das campanhas militares empreendidas, prioritariamente, durante o Segundo Reinado. A produção do espaço nacional, por esta perspectiva, forneceria a moldura capaz de reenquadrar o passado, atribuindo-lhe um tom épico e, ao mesmo tempo, extirpando-lhe as tensões e ambiguidades que inviabilizavam a sua utilização na construção da identidade (DE LUCCA, 2003). O pretérito, reabilitado, não poderia ser responsabilizado pelas chagas do presente, sendo, portanto, necessário representá-lo sob uma lente patriótica. Afinal: “Para as elites políticas e intelectuais da Federação da década de 1920, a questão não era mais, como nos tempos dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, escrever a história do Brasil, e sim disseminar entre o povo o germe da consciência nacional” (ENDERS, 2014: 357). Desta feita, a história, enquanto conhecimento disciplinar, fora percebida como um instrumento essencial na constituição da identidade nacional, contudo, a discussão sobre como ela deveria ser escrita e, especialmente sobre quais sujeitos deveriam protagonizá-la, colocava a questão sobre os indivíduos que, de fato, teriam construído a nação. Na busca pelo desenho das singularidades nacionais, buscou-se identificar aquilo que particularizava nossa cultura, o que seria, mais à frente, denominado de brasilidade (GONTIJO, 2007). Nesses termos, as narrativas de vida foram inseridas entre os elementos capazes de promover o traçado da comunidade brasileira e de inserir, no concerto das nações civilizadas, a nação brasileira. Tal processo envolvia, em uma dimensão mais ampla, a renovação das letras nacionais, debate caro às décadas de 1930 e 1940, e, nesse ínterim, o biográfico passou a figurar como gênero de destaque: “A biografia, desde que humanizasse seus protagonistas, seria uma estratégia, de primordial importância, entre as iniciativas de renovar a escrita da história nacional”. (GONÇALVES, 2010: 128).

Ao narrar a trajetória dos combatentes do passado – como agiram e como viveram – Barroso almejava transformar os leitores em espectadores ou “testemunhas”, oferecendo-lhes uma experiência de tempos anteriores. Os indivíduos que se distinguiram pela honra foram, mediante o relato do autor, transformados em heróis, cuja função passava a ser, essencialmente, personificar a nação. (ENDERS, 2014). Havia uma ambição pedagógica, pois o que se acompanhava, por meio desses relatos, não era a evolução do caráter do herói, mas antes a maneira como suas virtudes eram postas à prova em diferentes momentos: “Fez com estas palavras o resumo de sua grande vida: coragem tranqüila, independência sem orgulho, a pátria acima de tudo e a constância no sacrifício”. (BARROSO, 1932: 198). A Barroso interessavam a singularidade do percurso individual – fundamentalmente, a exemplificação da eficácia de uma virtude, presente no herói nacional –, e os desastres resultantes de determinado vício, encontrados na figura do “anti-herói” das nações vizinhas: “A degola e o fuzilamento não lhe eram bastantes para acabar de reduzir aquela sociedade à expressão mais simples. [Rosas] Lançou mão de outros meios, dos piores. Foram-se-lhe todos os escrúpulos. E praticou atos inomináveis” (BARROSO, 1929:19). Ao falar sobre os indivíduos do passado, Barroso



narrava o seu próprio tempo, como bem argumentou François Dosse: “Cada época cria seus heróis e lhes atribui, quer sejam de uma época distante, próxima ou atual, seus próprios valores. O herói cristaliza em si uma simbolização coletiva” (DOSSE, 2009:152). *A saída de si em direção ao outro* – o passado histórico ou a própria realidade histórico-social – apresentava-se como um caminho possível para o diagnóstico dos males que afligiam a nação e, em grande medida, representava a possibilidade de reordenamento do tempo, capaz de promover a confiança no futuro.

*História Militar do Brasil*, publicação de 1938, desenvolve uma análise sobre a gênese da nação, associando-a aos embates travados entre o Brasil e seus vizinhos, de forma que a identidade nacional está expressamente definida por oposição ao estrangeiro. Sobressai, igualmente, a compreensão do território como sagrado, identificado como o *corpo* da nação, no qual a ideia de fronteira assume uma função capital, tanto como referência do espaço onde a nação se desenvolve, quanto como algo que exige defesa. Pontua-se, aqui, a íntima associação entre a mobilização para a guerra e a formação da nação – assim como sua continuidade ao longo da história – de tal forma que o povo é apresentado como aquele que se configura nos embates que empreende, notadamente formado na *constância do sacrifício*.

Ao ataque imprevisto, todo o Brasil se moveu como um só homem. Nos campos de batalha, reuniram-se os brasileiros de todas as procedências. A Nação inteira comungou do mesmo sangue derramado. Entremearam-se e conheceram-se, amaram-se e juntos se sacrificaram todos os descendentes dos antigos bandeirantes esparsos no imenso corpo da pátria. Foi, portanto, essa guerra o último episódio da grande epopéia escrita por todos os quadrantes da terra brasileira pelos nossos antepassados.(BARROSO, 1938: 217).

Os termos pátria e nação são empregados ao longo da narrativa sem que, contudo, exista uma diferenciação entre o emprego de um ou de outro, de tal forma que, à primeira vista, torna-se difícil mapear seus contornos. Por uma outra via, pode-se perceber a recorrência à noção de pátria como *terra dos pais*, em seu aspecto familiar e hereditário, profundamente evidente como aquela que comunga de um mesmo *sangue*, de uma mesma origem e destino. Há, sobretudo, a divulgação de um patriotismo acentuadamente viril, de forma que a pátria é apresentada como aquela que convida às armas e reclama o sacrifício; conceituado como algo que reúne e move a pátria: “A vitória sobre o Paraguai plasmou definitivamente num só corpo e numa só alma a Nação Brasileira” (BARROSO, 1938:228). Mais que a comunhão carnal, a guerra dotaria a nação de um aspecto espiritual, algo que promoveria a comunhão de sentidos e a compreensão de um destino transcendente: “Sendo o homem a continuidade moral e física de seus pais, a nação é a continuidade física e moral das gerações unidas pela experiência e pela sucessão dos fatos através dos séculos” (BARROSO, 1938:123). A transubstanciação dos filhos da nação em uma sociedade de compatriotas está assegurada pelo recurso ao passado, como aquele que dota a nação de uma *substância* que, ao mesmo tempo que a particulariza, também lhe

dá uma orientação.

Estava finda a guerra. O Brasil Imperial varrera do Prata seu derradeiro caudilho de grande vulto. Essa obra demandara grandes sacrifícios, mas plasmou numa só alma os brasileiros de todas as Províncias. (...) A força, porém, dessa coesão dum grande povo continua latente. E' preciso despertá-la para novos prodígios! (BARROSO, 1938: 346).

Se a guerra congrega o povo e confere a dimensão de sua *força*, ela também assinala certo dever de transmissibilidade, que impera a necessidade de mobilização para novas realizações, marcada por certo armamento psicológico: “Foi, portanto, essa guerra o último episódio de grande epopéia escrita por todos os quadrantes da terra brasileira pelos nossos antepassados” (BARROSO, 1938:217). A história nacional, tal como é veiculada na obra de Gustavo Barroso, seria a responsável pela difusão deste sentimento de *pertença*, expresso na busca por traçar os contornos da particularidade nacional, assim como por reforçar os laços de comunhão de sentido. Em outros termos, essa narrativa privilegiaria origem e herança, em um trabalho de memória que enlaçaria, retrospectivamente, vivos e mortos, em uma cadeia de solidariedade. Neste aspecto, torna-se importante recorrer às admoestações feitas por Fernando Catroga acerca do nacionalismo e patriotismo, quando afirma ser um erro fundir ambos os conceitos, tendo em vista que possuem origens e significados semânticos distintos. Embora, desde meados do século XIX, o nacionalismo tenha se apresentado como um gerador do patriotismo comum, com o intento de absorver o seu *calor* e o colocar a serviço da política de nacionalização das massas, a hipótese é de que Barroso não tenha feito uso destes termos como sinônimos. Antes, ele teria empregado a noção de pátria por compreender seu maior alcance afetivo e, dessa forma, mobilizar o sentimento, nesse projeto que assumia, claramente, o intento de promover um armamento psicológico, em um momento marcado por certa instabilidade política. O patriotismo seria, em Barroso, algo a alentar o nacionalismo, devido a sua capacidade de englobar o sentimento natalício e a fidelidade a uma terra e a um povo identificado por uma herança comum. Devido à forte carga afetiva que o patriotismo engendraria, calcada nas relações de ancestralidade (com certa aura de sacralidade), seria mais eficaz no processo de levar os indivíduos a aceitarem os imperativos de uma doação que levaria, em última instância, ao sacrifício da própria vida.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos limites deste trabalho, espera-se ter explorado, ainda que timidamente, algumas das interpretações sobre os termos nacionalismo e patriotismo, em diálogo com as ideias veiculadas por Gustavo Barroso, especialmente em sua obra *História Militar do Brasil*. Dentre as diferentes formas de representação do passado, Barroso optou pela escrita da história militar como história do Brasil, de forma a enaltecer o caráter belicista do passado, em que o patriotismo, não raro apresentado como sinônimo de nacionalismo, parecia mais adequado para mobilizar uma projeção afetiva, necessária àquele processo que era de transposição de

ideias e, sobretudo, de uma proposta de ritualização do poder e do tempo; práticas reiterativas cruciais para a reprodução no tempo de uma cultura política nacionalista.

## REFERÊNCIAS

BARROSO, G. **A Guerra do Rosas**. 1ª ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1929.

BARROSO, G. **Osório, o centauro dos pampas**. RJ: G. M. Costa, 1932.

BARROSO, G. **Tamandaré: O Nelson Brasileiro**. RJ: G. M. Costa, 1933.

BARROSO, G. **História Militar do Brasil**. 2ª ed. RJ: Cia Editora Nacional, 1938.

CASTRO, Celso. **Exército e Nação**. RJ: FGV, 2012.

CATROGA, F. **A geografia dos afectos pátrios. As reformas político-administrativas (sécs. XIX-XX)**. Coimbra, Almedina, 2013. 406 p.

COUTO, MIA. **Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra**. SP: Companhia das Letras, 2013.

DE LUCA, T. R. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

DÉLOYE, Y. A nação entre identidade e alteridade. In: BRESCIANI, et al. **Razão e paixão na política**. Brasília: editora da Universidade de Brasília, 2002.

DOSSE, F. **O desafio biográfico – escrever uma vida**. SP: Edusp, 2009.

DUTRA, R. de F. História e Culturas Políticas Definições, usos, genealogias. In: **Varia História**, nº 28 Dezembro, 2002.

ENDERS, A. **Os Vultos da Nação: Fábrica de Heróis e Formação dos Brasileiros**. RJ: FGV, 2014.

GONÇALVES, M. **Em terreno movediço: história e memória em Octávio Tarquínio de Souza**. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

GONTIJO, R. Capistrano de Abreu, viajante. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 30, n. 59, p. 15 – 36, 2007.

HAROCHE, Claudine. O que é o povo?. In: BRESCIANI, et al. **Razão e paixão na política**. Brasília: editora da Universidade de Brasília, 2002.

MAGALHAES, A, M. **Troféus da Guerra Perdida...** Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: PPGHIS/ UFRJ, 2010.

MOTTA, R. P. S. **Culturas Políticas na História: novos estudos**. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

África 114, 115, 117, 119, 123, 124, 129, 130, 163

Annales 9, 63, 96, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 124

Autoridade 1, 26, 28, 66, 129, 130

### B

Bakuba 114, 117, 119, 120, 121

Baluba 114, 119, 120, 121

Biografia 61, 64, 70, 105, 111

Bonpland 58, 61, 62, 63

Brasil Industrial 7, 9, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 181, 182

### C

Casamento 1, 2, 3, 5, 6, 7, 10

Cidadania 7, 9, 28, 31, 66, 76, 81, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95

Colonização 7, 8, 1, 2, 13, 100, 105, 141, 142, 143, 151

Cultura Política 64, 65, 73

### E

Eduardo Suplicy 7, 9, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94

Esquecimento 8, 44, 58, 59, 60, 61, 63, 75, 77, 83, 137

Europa 3, 23, 24, 25, 27, 30, 31, 32, 33, 34, 51, 62, 81, 98, 99, 101, 108, 129, 130, 154, 155, 163

### F

Fábrica 73, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 181, 182

Família 1, 2, 5, 6, 10, 17, 50, 51, 55, 65, 91, 92, 121, 122, 148, 151, 161, 174

Famílias Livres 8, 12, 15, 18, 20

Frederick Starr 7, 9, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 121, 124

### G

Gastronomia 9, 153, 160, 163, 164

Gustavo Barroso 7, 8, 64, 68, 72

### H

História 2, 7, 1, 10, 14, 21, 26, 49, 50, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 80, 82, 85, 86, 93, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105,



106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 116, 117, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 153, 154, 157, 159, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 177, 182, 183  
Historicismo 9, 96, 97, 99, 102, 103, 109, 111

## I

ideal ascético 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47  
Identidade 9, 26, 30, 31, 64, 65, 68, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 82, 83, 84, 94, 96, 105, 137, 140, 146, 150, 168, 170, 181  
Iluminismo 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 154  
Integração 8, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 52, 83, 89, 142  
Intelectual 9, 49, 50, 55, 68, 69, 86, 87, 88, 89, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 105, 107, 109, 110, 112, 127, 133, 134, 155, 161

## L

Lei 7, 8, 6, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 61, 79, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 142, 148, 160, 168

## M

Memória 7, 8, 8, 58, 59, 60, 61, 63, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 106, 153, 164, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 177, 181  
Mestiçagem 1, 6, 7, 8, 9  
Militares 32, 64, 68, 70, 81, 83, 148

## N

Nacionalismo 7, 64, 67, 72, 151  
Nada 6, 16, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 47, 48, 55, 122

## O

Ocupação Territorial 12, 20, 141

## P

Paracambi 7, 9, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 177, 181, 182  
Patrimônio 9, 13, 69, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 85, 116, 125, 126, 127, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 166, 167, 170, 171, 172, 173, 177, 181  
Pobres 7, 8, 12, 15, 16, 18, 20, 21, 89, 155, 156

## Q

Querer 35, 38, 39, 40, 41, 47, 48, 136

## R

Razão 4, 5, 36, 39, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 65, 73, 87, 94, 101, 155

Recife 7, 9, 12, 85, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165

## S

Senador 7, 9, 86, 87, 90, 91, 92, 93, 94

Sérgio Buarque de Holanda 7, 9, 96, 98, 99, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112

Sociabilidades 9, 65, 86, 88, 124, 153, 160, 161, 162, 163, 164

Sociedade Civil 34, 49, 51, 53, 89

Sufrimento 7, 8, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47

## T

Tempo 8, 2, 10, 14, 15, 21, 44, 51, 53, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 77, 97, 99, 101, 106, 107, 112, 117, 120, 126, 135, 138, 140, 150, 154, 158, 162, 168, 169, 170, 172, 173

Terras 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 79, 98, 103, 115, 119, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137, 138, 141, 142, 143, 144, 148, 149, 158, 169

Tolerância Religiosa 49

## U

União Europeia 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34

## V

Voltaire 7, 8, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57

Vontade 4, 27, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 99

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**